

O mundo-abuso de Jorge

E algumas reflexões sobre a flexibilização do enquadre

Marcus Góes

Texto desenvolvido a partir da apresentação “Figuras Actuales de la Violencia. Retos al Psicoanálisis Latinoamericano”, feita pelo autor no VI Congreso de AUDEPP y X Congreso de FLAPSIPP, ocorrido em maio de 2019 em Montevideo, Uruguai.

Marcus Góes é psicólogo (PUC-SP), mestre em Psicologia Social (IP-USP), psicanalista (Sedes Sapientiae) e membro da equipe clínica do Projetos Terapêuticos. Ao longo do seu percurso de trabalho atuou como coordenador de projetos de educação para jovens moradores na periferia de São Paulo, consultor em processos de desenvolvimento institucional para ONGs, supervisor institucional em serviços de acolhimento para crianças e adolescentes e acompanhante terapêutico. Atualmente, dedica-se ao consultório particular e ao atendimento de casos graves pelo Projetos Terapêuticos.

Resumo O presente trabalho relata o caso clínico de um paciente preto, pobre e hermafrodita, cuja história foi marcada por relações de abuso sexual. A partir de flexibilizações no enquadre, alterações no *setting* e manejos na transferência, buscou-se intervir num traumático transmitido por gerações e intensamente presente na vida do analisando.

Palavras-chave abuso; trauma; enquadre; transferência.

DOI: 10.70048/percurso.73.99-108

Já fazia tempo que lhe prometera esses filmes. Eram filmes com histórias fortes de vingança e que me vinham durante as sessões. Imaginava que Jorge gostaria de vê-los. Desde que me contara com muita tristeza que sua família sempre o excluía das atividades de lazer, como ir ao parque, pensava em compartilhá-los. Incomodava-me poder desfrutar deles e ele não, uma restrição com muitas origens: Jorge é preto e pobre. Bastava eu passar num camelô, comprá-los e lhe entregar. Um pouco de justiça social e ilegal à mão. Mas por algum tempo hesitei, não sei se por um pudor clínico conservador, ou uma prudência clínica importante.

Além de preto e pobre, Jorge é hermafrodita. À exclusão determinada pela perversa dinâmica em que uma sociedade subjugou outra, fazendo-a trabalhar sob tortura num continente distante em que habitavam outras sociedades, também subjugadas, se somou a que um grupo familiar perpetrou diante da estranheza de um de seus vinte e cinco filhos, o caçula. Nascido entre dois sexos, um entre de difícilíssima assimilação, sua indeterminação genital desmonta a binariedade biológica e predominante, suporte tão poderoso e restritivo para a nossa imaginação. Além do lugar destinado à população negra, o da mão de obra a ser explorada, restou-lhe também o lugar do bizarro, do monstro a ser escondido. Levar Jorge para passear no parque era mostrar o verme para o mundo, como alguns de seus irmãos o chamavam. Mas Jorge era para mim um senhor baixinho, gentil, cuidadoso e muito simpático.

Curiosamente, ao comprar os tais filmes, incluí um outro ainda, uma ficção científica, sem uma conexão clara com os conteúdos que Jorge trazia. Foi esse o primeiro a que ele assistiu. Contou-me do seu



*Para quem urinava na cama
até os cinquenta anos
atormentado por sonhos
terríveis, acordar tranquilo
era uma bênção*

impacto com uma cena em que um personagem, após um acidente durante uma viagem espacial, fica capturado num espaço multidimensional, de onde consegue ver sua pequena filha, que não via há anos desde que deixara a Terra. Ele tenta falar com ela, mas sua voz não a alcança. Com muito esforço encontra uma maneira de se comunicar e vencer o que parecia ser uma intransponibilidade. Sua filha percebe a comunicação, mas sem saber que se trata de seu pai. Jorge disse que se sentia assim, dentro de uma espécie de espaço, próximo fisicamente das pessoas, mas impossibilitado de se comunicar com elas.

Essa cena do filme lhe veio em uma sessão quando me contava situações que passara ao longo daquele mesmo dia e que gradativamente lhe tiraram a rara tranquilidade com a qual havia acordado. Para quem urinava na cama até os cinquenta anos atormentado por sonhos terríveis, acordar tranquilo era uma bênção. Tais situações envolviam um sobrinho já adulto que morava em sua casa há meses sem contribuir com o pagamento das despesas, nem com os afazeres da casa. Jorge se irritava com o desleixo, a falta de educação e, mais do que isso, sentia-se explorado, abusado e obrigado a aceitar a situação. As conversas que tivera com seu sobrinho se revelavam inócuas e não via outra saída a não ser expulsá-lo. No entanto, assombrado pela culpa ao imaginá-lo na sarjeta, ansiava que ele entendesse e o poupasse do mal que lhe fazia.

Não era a primeira vez que Jorge me trazia esse tipo de angústia em suas relações e, como de costume, suas tentativas de comunicação em busca de alguma mudança eram entrópicas demais, completamente ineficientes. Indignado e esgotado, vislumbrava apenas afastamentos mais

definitivos. Não por gosto pela solidão; essa lhe fazia sofrer muito. Mas por descrença na possibilidade de encontros que não o fizessem sentir-se abusado e estranhamente envolvido. Havia ali um padrão bastante complexo.

Nesse impulso por interromper suas relações havia também uma vontade de se vingar e fazer justiça. Eram anseios que surgiam nas situações em que não estava diretamente envolvido e seu vínculo com o opressor era mais distante. Extremamente sensível, era tomado por uma intensa empatia pelos acuados. Contava-me como gostaria de torturar e matar esses abusadores, como o marido de sua irmã, que a maltratava e traía, e o filho drogado de um vizinho que há anos fazia da vida de todos em sua casa um terror.

Sua sensibilidade para as situações de abuso se confundia com a constante desconfiança em relação ao mundo. Todos eram potenciais abusadores, raramente se sentia seguro. Jorge se encontrava nesse outro espaço, uma dimensão traumatizada em que facilmente tornava-se refém do desejo dos outros, empurrando-os para essa posição dominadora e, então, se submetia, sofria e calava. Assim seu corpo foi erotizado e sua presença moldada. Como diminuir a força de uma dinâmica libidinal tão antiga e com tanto poder de contaminação?

A cena era sempre a mesma: o abuso. As lembranças o atormentavam e confundiam. Não sabia se eram imaginações ou se haviam ocorrido de fato. Aos poucos, contava-me o que via e perguntava: será que isso foi de verdade? E depois se envergonhava. Na condição de verme, bizarro, alijado, meio menino, meio menina, as memórias eram também marca de acolhimento e carinho. Até que vieram as dores, os medos e a percepção de que algo estava errado.

A barbárie sexual permeava o cotidiano em sua casa e em diversas outras relações em que os corpos dos vinte e cinco filhos foram sendo envolvidos, oferecidos e vendidos. Os mais velhos cresciam e, então, passavam a protagonizar o mesmo com os mais novos. A violência física e sexual ganhava combustível com o álcool e as outras drogas que surgiram ao longo dos anos, onde alguns

de seus irmãos se perderam ou encontraram um refúgio, também terrível. Efetivando-se em diversos vetores, essa promiscuidade voraz gerou, dentre tantas outras mazelas, uma indeterminação que hoje aflige Jorge: a dúvida sobre quem é sua mãe. Uma suspeita ronda a relação com uma de suas irmãs mais velhas, a que sempre lhe foi mais hostil e que cunhou seu cruel apelido em casa: verme. Ela faleceu recentemente, sem que Jorge houvesse encontrado em si a convicção para lhe fazer a pergunta.

Sua mãe, a que teve por mãe e que também era mãe de seus irmãos, sempre foi cuidadosa e carinhosa com ele. Mas era um cuidado incapaz de protegê-lo. Ela lhe trazia bolsas de água quente para aliviar suas dores pós abusos, o que o coloca hoje uma desconfortável impressão de cumplicidade com o terror, talvez uma cumplicidade meio forçada: mais de uma vez a testemunhou sendo espancada pelo pai.

O pai, além de centro propulsor de toda essa engrenagem, era também trabalhador, empreendedor e figura querida em seu bairro. O bar e a banca de frutas trouxeram-lhe certa prosperidade. Os antigos vizinhos de Jorge não imaginam a dor que lhe causam quando notam e com alegria lhe dizem o quanto é parecido com esse pai. Uma inevitável herança física encontra com uma comunidade que não foi capaz de perceber ou, até mesmo, respaldou o terror em sua família.

Aos treze anos, Jorge ameaçou seu pai com uma faca, impedindo que uma irmã, após ser injustamente acusada, fosse espancada, como era o costume. Desde então, seu pai não mais o violentou. Essa era uma lembrança de sua própria força e da possibilidade de se proteger. De algum modo, essa força o acompanhou e lhe permitiu atravessar uma difícil adolescência. Até então, mesmo sentindo-se um menino, vivia a identidade de uma menina que, agora, começava a ter uma estranha barba, mais grossa ainda que a dos outros meninos. Sofreu intensamente com o desrespeito de quem só o percebia como bizarro, mas pôde também aproveitar os encontros em que era visto como pessoa. Jorge me conta com muito carinho

»
*a força para realizar
seus projetos não impediu
que vivesse continuamente
atormentado pela sensação
de ser abusado*

de uma professora que sempre o acolheu e de uma médica muito querida, a primeira de uma cuidadosa rede de profissionais da saúde dedicada aos problemas decorrentes da formação dos órgãos sexuais. Aos dezenove anos já se assumia e se apresentava pelo nome de Jorge, idade em que começara a trabalhar como zelador em um prédio de classe média. Pouco tempo depois, casou-se com uma mulher e adotou duas bebês gêmeas.

No entanto, a força para realizar seus projetos não impediu que vivesse continuamente atormentado pela sensação de ser abusado. Jorge chega a meu consultório quando suas filhas estavam com dezesseis anos e massacrado por um casamento infeliz. Trabalhando em dois empregos e acumulando para si todas as funções domésticas, estava sempre exausto e indignado com sua mulher que em nada contribuía. Somou-se a isso a forte suspeita de que era regularmente traído. Era difícil vê-lo naquela posição. Ele dizia não encontrar coragem para se separar. Receava que sua mulher cruelmente expusesse sua condição de hermafrodita para os moradores do bairro. Era seu refém e essa foi a primeira cena de abuso que me trouxe. Seu compromisso, sua participação na manutenção dessa situação, só me ficaram claros tempos depois. O desvencilhamento desse complexo enrosco era um desafio que Jorge trazia em sua história, do qual precisaria ganhar mais consciência, e que certamente demandaria trabalho.

Talvez por isso seu entusiasmo em fabular justificações para as diversas outras situações que testemunhava me pareceu uma pista de onde ele poderia buscar a força para se proteger disso que lhe foi excessivo muito cedo e durante muito



*Jorge convivia
com a iminência de que
eu o assediasse e o forçasse
a uma relação sexual*

tempo. Em seus fervorosos e violentos devaneios, se experimentava numa imagem afirmativa, fazendo um tipo de brincadeira com as histórias alheias em que reconhecia o abuso em curso, o interrompia e implacavelmente retaliava o algoz. Desse modo, vislumbrava sua própria dignidade, sentia-se alguém, ainda que profundamente machucado, e não como um verme. Por isso também intuía que os filmes sobre vingança poderiam ajudar. Ver seu sofrimento em outros, em diferentes enredos, desfechos e com algum humor, funcionou. Por algum tempo, foram suas histórias de ninar. Além do efeito catártico, trouxeram para Jorge um pouco da cultura, do que outros produziram a partir de afetos comuns aos dele. Seus anseios por justiça e mantinham preso a essa outra dimensão onde os já falecidos pai, mãe e vinte e um de seus irmãos continuavam vivos e alheios ao pacto civilizatório. A cultura o atraía um pouco para fora do lugar terrível.

O espaço de sua análise, a nossa relação, não escapou da cena do abuso e foi campo importante para Jorge experimentar as mesmas e outras posições frente ao drama. Estar comigo dentro de uma sala fechada lhe era perturbador. Convivia com a iminência de que eu o assediasse e o forçasse a uma relação sexual. Na transferência, a cena se atualizava na forma de terror e excitação. O *setting* tradicional era mais um quarto em que se sentia preso. E nos primeiros anos, desse modo foram nossas conversas; presas, amarradas por uma opressão difícil. Até que Jorge começou a me perguntar se não poderíamos sair para almoçar. Por meses, hesitei diante do convite e temi tamanha alteração no *setting*. Me encontrar num ambiente mais público que uma sala de análise

era um alívio. A assimetria do enquadre era esmagadora e desmontá-la poderia representar uma movimentação num plano regressivo e simbiótico. Feita a mudança, Jorge sentiu-se mais protegido. Com as refeições postas entre nós, uma tensão pareceu se dissolver, permitindo um relaxamento novo para o encontro. E almoçar era também passear, o direito que tanto lhe foi negado. Menos ameaçado, Jorge pôde falar mais e mostrou apreço por ter sua dignidade reconhecida.

Mas esse tipo de amor na transferência que tanto o perturbava só me foi revelado tempos depois, quando nossos encontros já haviam se tornado almoços. O ambiente do restaurante não foi suficiente para impedir suas fantasias. De algum modo, abria-se ali também o *setting* amizade, potente e ameaçador. Atormentado por esses fantasmas e depois também por sua revelação, a análise correu o risco de se inviabilizar. Constrangido e envergonhado, acreditou profundamente que eu não mais o aceitaria como paciente e que o percebia como um degenerado. Chegou ao ponto de me pedir que interrompesse o trabalho. Um pedido difícil. A interrupção que ele almejava era outra e dependia da continuidade desse mesmo trabalho.

O reestabelecimento do espaço de análise atravessou a delicada tarefa de recusar sua proposta amorosa. Havia ali uma repetição afetiva para a qual me empurrava, ele construía a cena do abuso. Por outro lado, apesar de seus tormentos, Jorge vivia comigo uma experiência de cuidado e respeito. Era possível que também estivesse atraído pela fabulação de uma relação não abusiva, uma movimentação na cena. De todo modo, ora por ter tais fantasias e pela vergonha que sentia, ora por não poder realizá-las, sofria sentimentos de rejeição, humilhação e exclusão, e se surpreendia com minha insistência para que continuasse vindo às sessões. Ciclos como esse se repetiram diversas vezes.

O pagamento das sessões também foi atravessado por essa dinâmica. Sabendo de suas restrições econômicas, me dispus a atendê-lo pelo valor que lhe era possível, um valor bastante inferior ao que eu praticava normalmente. Convicto

de que não deveria vitimá-lo com o custo financeiro de uma análise em redutos privilegiados da cidade, me distraí da importância de cobrá-lo e o fiz vítima da minha culpa e pena, o que foi percebido por ele como um convite: qual seria o meu interesse se não estava sendo remunerado? Então, um novo ciclo de fantasias eróticas foi impulsionado pela posição na qual eu o coloquei, atormentando-o intensamente e solicitando mais uma vez o trabalho de recusar sua proposta, reafirmar minha disponibilidade como seu analista e a sua capacidade de me pagar e de se analisar.

Houve também um período em que sua situação financeira se deteriorou mais ainda. Já mais atento à importância do pagamento como caminho para um arranjo menos vitimado e suscetível às suas fantasias terríveis, buscamos outras formas de remuneração. Sabendo de sua habilidade como cozinheiro, lhe sugeri que me pagasse com refeições congeladas. Ele, então, começou a calcular e a se preparar para produzir todas as minhas refeições ao longo de um mês. Sentindo-me invadido, lhe respondi intempestivamente que não o fizesse. Foram mais algumas semanas em que se ausentou de nossos encontros, machucado pelo meu jeito explosivo e pela rejeição que sentira. Cuidar de toda a minha alimentação era um modo de participar da minha vida pessoal e também de ser abusado por uma tarefa excessiva. Novamente, seguiu-se o trabalho de sustentação do espaço de análise, agora orientado também pela necessidade de estabelecer uma relação de troca que a ambos parecesse justa.

A troca justa se colocou, então, como um importante referencial em nossas conversas. Havia ali uma chave de análise para a armadilha do abuso. Em seus encontros e nas relações que fazia, movimentava-se bem para dar, mas não para receber, até que esse desequilíbrio o fazia sentir-se usurpado e se tornava uma intensa perturbação. Colocar-se nas relações também a partir de suas necessidades, sem mergulhar no atendimento ao outro, desmontar essas cenas sem empunhar uma faca e fazer um rompimento, como fizera com seu pai aos treze anos, segue sendo um desafio.



*“mas por que
você me levou lá?”*

*Sua pergunta me
pesava como culpa*

Uma sessão no Museu de Arte de São Paulo

Com os riscos e as potências que envolviam as alterações no *setting* de nossos encontros, certa vez, lhe sugeri que fôssemos a uma exposição no Museu de Arte de São Paulo, o MASP. Ingenuamente, aquele me pareceu apenas um convite para conhecer esse museu que ele não conhecia e ver a exposição de um artista que, na década de 1970, fotografou o Pelourinho, em Salvador.

“Mas por que você me levou lá?” Sua pergunta me pesava como culpa e apontava para minha imprudência clínica. No entanto, a força do que não nos é claro e passa despercebido teve sua função. Eu o havia convidado para um passeio no inferno, no seu inferno, um mergulho nas feridas daquela que foi um dia a cidade dos escravos; um tempo no qual a tortura e a exploração da população negra eram lícitas seguia correndo naquelas fotos. Jorge reconheceu nelas a sua infância, os piores anos de sua vida. Havia muito ali, havia demais: quarto escuro, sujeira, prostituição, crianças, cotidianos, esgoto e cheiros horríveis. “Como alguém pode achar que isso é arte?” Em meio à dor que o tomou nesse dia, e que em alguma medida também senti, respondi que alguns artistas dedicam-se a uma certa função memorial com a intenção de evitar repetições do terrível.

Como se eu já não soubesse, a ligação da história de Jorge com a história da escravidão no Brasil se fez com uma clareza chocante. Agora, do baú de memórias atrozes que ele trazia surgiam também memórias transmitidas pelas gerações que o antecederam. Essa função da arte se cumpriu em mim e pude perceber o pai de Jorge também



*as flexibilizações
no enquadre, permitiram
que um processo de análise
se desenvolvesse*

como vítima, entrelaçando posições, complexificando o algoz e urgindo a necessidade de destabular lugares. O meu, inclusive: um branco, neto de portugueses, beneficiado pelo processo histórico, atravessado por uma benevolência culpada. Desse lugar, não me era possível convocar Jorge na sua potência.

Ao longo desses onze anos de uma análise que ainda segue, Jorge separou-se de sua primeira mulher e está hoje no segundo namoro depois do divórcio. Viveu e vive um difícil processo para encontrar uma maneira de ser pai de suas filhas sem ficar completamente tomado pela incumbência de atender às necessidades delas. Constituiu uma turma de amigos em um bar perto de sua casa com quem joga cartas, bebe, se diverte, por vezes se sente abusado, age, se afasta e reconstitui a relação. Atravessou até o momento quatro cirurgias plásticas que lhe deram órgãos genitais masculinos, ou o mais próximo disso, um cuidado consigo mesmo que o ajudou a aproximar seu corpo de sua identidade e lhe trouxe grande alívio.

Sobre o enquadre e suas flexibilizações

Fazer as sessões almoçando em um restaurante, oferecer cópias de filmes para o paciente, ir com ele a um museu e receber o pagamento em marmitas representaram flexibilizações no *setting* do consultório e no enquadre que marcaram significativamente esse atendimento, permitindo que um processo de análise se desenvolvesse. Para explorar essa afirmação, resgatarei autores que pensaram sobre o enquadre e farei algumas reflexões sobre o que me parece ter constituído a

sua flexibilização e o sentido que tiveram para esse caso.

Alguns dos primeiros elementos que contribuíram para o que hoje entende-se por enquadre, Freud¹ nos trouxe em 1904, quando buscou estabelecer parâmetros para delimitar o método psicanalítico. Muitos anos depois, Green², ao falar sobre o tema, destaca dois pontos que seriam centrais dentre tudo o que Freud e outros que se seguiram agregaram ao assunto: a proibição imposta ao paciente e ao analista de atuar e realizar seus desejos tendo um ao outro como objeto, e a regra fundamental, a associação livre como tarefa central – que tem como contrapartida do analista a atenção flutuante. Para Green, esses dois elementos constituem um tipo de encontro que favorece o fenômeno da transferência que, por sua vez, permite o acontecimento da representação.

El encuadre brinda un espacio cuyas características relativamente constantes permiten observar los efectos de este no-encuentro, es decir, la inaccesibilidad del objeto de la transferencia, la imposibilidad o la prohibición de utilizar al analista para satisfacer los deseos propios o servir a los de él. La meta consiste en impedir el levantamiento de fuerzas que no tienen otro destino que devenir <<representaciones psíquicamente investidas de afecto>>. Dadas las obligaciones (regla fundamental) y las prohibiciones (interdicción de contacto y de actuar), este juego de fuerzas, concebido por Freud, se vuelve, en ciertos momentos de la transferencia, perceptible para el analista, si no para los protagonistas; ahí deja de ser solamente una hipótesis.³

Com o desenvolvimento da técnica ativa em 1919 e 1920, Ferenczi⁴ flexibilizou em sua clínica o que vinha se estabelecendo como regras da prática psicanalítica, tanto no que se refere à abstinência como à regra fundamental. À proposta da associação livre, agregou intervenções que pudessem engajar os pacientes em fluxos discursivos e afetivos que lhe pareciam oportunos, de modo a disponibilizar novos materiais para o trabalho de interpretação e elaboração. Além de manejos que na época destoavam pela incisividade, ele retomou o caminho catártico deixado de lado por Freud⁵.



*estar com Jorge no Masp
foi também ser exposto
a essa estrutura social que
faz um testemunho bastante
falho da violência*

Na técnica ativa, o analista insere um propósito na sessão, convoca o paciente numa direção específica e escolhida por ele a partir de sua compreensão, incidindo ativamente nos rumos associativos. Kupermann⁶ retoma o caso em que Ferenczi pede ao paciente que cante, conduzindo-o a fazer contato com afetos evitados, de maneira a desconstruir inibições e liberar potências. A catarse e o lúdico, influência que lhe chegava pelas experiências de Ana Freud e Melanie Klein na análise com crianças, se colocam como importantes vias de processamento e ligação. A violação da regra fundamental e da abstinência é significativa e constitui parte do caminho da análise.

Ferenczi, por seu turno, parece intuir que sem a expressão catártica própria das repetições em análise – e não é apenas da angústia que se trata, uma vez que vimos como a alegria própria ao lúdico também compõe o horizonte da técnica ativa – o trabalho de ligação esperado pela regra fundamental da psicanálise não se processa.⁷

A indicação dos filmes que fiz ao Jorge e a ida ao museu me parecem ir nessa mesma direção. Além do caminho catártico, apostei também no impacto que a conexão dos dramas pessoais à cultura seria capaz de produzir no circuito incestuoso e fechado em que ele se encontrava. As associações de Jorge disparadas pelo filme de ficção científica trouxeram à tona um sentimento de solidão profunda que o acompanha e que, então, pôde localizar e nomear: a sensação de estar preso e isolado numa dobra do tempo feita pelos abusos que sofreu e por sua condição de hermafrodita em uma sociedade impossibilitada de

receber uma diferença dessa ordem. E destacaria também o que ganhou espaço em nossas conversas a partir da exposição de fotos do Pelourinho na década de 1970: a história – e uma certa atualidade – da escravidão da população negra e da sua família. Estar com Jorge no Masp obviamente não foi apenas a experiência de ver a exposição e seu conteúdo, mas também de ser exposto a essa estrutura social que faz um testemunho bastante falho da violência. Sua infância terrível, tão presentificada pelas fotos do Pelourinho, também estava num museu em que Jorge percebia ser o único preto que não estava ali trabalhando. Sem o pacto da abstinência, fez-se e segue-se fazendo de um povo e uma classe social objeto de exploração e desejos abusivos. Mas Jorge pôde me dizer que não se sentia bem ali, sinalizando um mal-estar que me tomou e me constrangeu no lugar que ocupo nessa estrutura, ao mesmo tempo que trouxe condição para que eu pudesse testemunhar reconhecer uma violência.

Nesse ponto, volto a Ferenczi⁸ e sua teoria sobre o trauma. Como se sabe, a Primeira Guerra Mundial marcou o desenvolvimento da Psicanálise que, ao longo da década de 1920, é convocada ao cuidado de pacientes traumatizados por eventos ocorridos no real da vida. Nesse real, nas relações entre pessoas, havia também os abusos sexuais e outras violências. Foi diante de casos assim que a técnica ativa surgiu e, junto, a teoria cresceu. Ferenczi mapeou o que seria uma gênese do trauma constituída por três etapas: o evento traumático propriamente dito, a busca da criança abusada pelo testemunho de um adulto que reconheça a dor que lhe foi infligida e, por fim, o desmentido, com um adulto dizendo que

1 S. Freud, “O método psicanalítico de Freud”, in *Freud – Obras completas*.

2 A. Green, “El concepto de encuadre”, in *La clínica psicanalítica contemporânea*.

3 A. Green, *op. cit.*, p. 62.

4 S. Ferenczi, “As fantasias provocadas”, in *Ferenczi – Obras completas psicanálise III*.

5 D. Kupermann, *Por que Ferenczi?*

6 D. Kupermann, *op. cit.*

7 D. Kupermann, *op. cit.*, p. 62.

8 S. Ferenczi, “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, in *Ferenczi – Obras completas psicanálise IV*.



*para Ferenczi, o ambiente
participa do desastre
e pode participar
do cuidado, testemunhando
consistentemente a dor.*

nada daquilo ocorreu, desautorizando a percepção da criança, comprometendo sua própria capacidade perceptiva do mundo⁹.

Jorge certamente é um paciente traumatizado por eventos ocorridos em sua vida. Foi abusado sexualmente, situações em que experimentou o carinho, em outras a violência e em outras onde carinho e violência se confundiram. Hoje, tudo se confunde. Encontrou um mundo adulto que testemunhou muito precariamente a sua dor e não o protegeu. Suponho que foi com seus irmãos mais novos – numa família com 25 filhos – que contou com uma companhia que atestasse sua percepção da violência e impedisse que sua capacidade perceptiva fosse totalmente atropelada. E foi para proteger uma de suas irmãs que interrompeu a violência do pai, fazendo um limite, mesmo que frágil, para ele e o ambiente abusador. Ainda hoje, Jorge volta a me perguntar: eu vivi mesmo esse horror?

A compreensão de Ferenczi¹⁰ sobre o trauma envolve as relações entre pessoas e não apenas o que seria um mundo interno refém de uma pulsionalidade terrível. O ambiente participa do desastre e pode participar do cuidado, testemunhando consistentemente a dor. Nesse sentido, além de desobstruir os caminhos para a livre associação, suas intervenções constituíam com os pacientes uma outra vivência relacional, diferente da que haviam experimentado ao longo da vida, especialmente na infância. Winnicott¹¹ aprofunda essa compreensão localizando elementos regressivos que comporiam o encontro psicanalítico e que trariam para a análise uma forma de esperança do paciente.

É como se houvesse expectativa de que surjam condições novas, justificando a regressão e oferecendo uma nova

chance para que o desenvolvimento ocorra, esse mesmo desenvolvimento que havia sido inviabilizado ou dificultado inicialmente pela falha do ambiente.¹²

Menos por seus conteúdos discursivos, mais pelo modo como se posiciona na relação, o paciente transmite e instaura junto ao analista a situação infantil em que uma falha ambiental impediu o desenvolvimento de capacidades importantes. Pela contratransferência, a reprodução dessa falha dá notícias e abre ao analista a oportunidade para corrigi-la, permitindo que partes congeladas no sujeito possam se movimentar. O tempo desse tipo de falha é o da dependência absoluta, quando bebê e mãe eram um só e a vida acontecia em fusionalidade. “No narcisismo primário o ambiente sustenta o indivíduo, e o indivíduo ao mesmo tempo nada sabe sobre ambiente algum – e é uno com ele.”¹³

Nessa mesma direção, Bleger¹⁴, atento à dimensão simbiótica da nossa experiência de mundo, localiza no enquadre da situação analítica o lugar onde ela se aloca e pode novamente ser vivida. De modo inconsciente, constitui uma espécie de chão que, somente diante de alterações, teria a oportunidade de ganhar visibilidade.

Concordamos com os autores mencionados [Winnicott e Barager] em assinalar a relação analítica como relação simbiótica; mas nos casos em que se cumpre com o enquadramento, o problema está em que o próprio enquadramento é o depositário da simbiose, e que esta não está fazendo parte do processo analítico em si mesmo. A simbiose com a mãe (a imobilização do não ego) permite à criança o desenvolvimento do seu ego; o enquadramento tem a mesma função: serve de sustentação, de marco, mas só chegamos a vê-lo – por ora – quando se rompe.¹⁵

Atualizando a simbiose original, na fusão mais primitiva com o corpo da mãe, o enquadre sustenta o desenvolvimento do eu, assim como suas precariedades oriundas desse período da infância, quando o não eu ainda não se colocou com força e predomina a indiferenciação. Colocá-lo no foco da análise permitiria disponibilizar conteúdos mais inconscientes e profundos, alcançando

partes da personalidade que correm o risco de nunca serem analisadas¹⁶.

Em um de seus exemplos clínicos, Bleger¹⁷ conta de um paciente paralisado diante da possibilidade de comprar um apartamento e que, num dado momento, fica sabendo que seu analista havia comprado um. Algo do enquadre se desmonta e muito pode vir à tona e ser trabalhado. O desconhecido em seu analista havia permitido um campo transferencial em que o paciente se apoiava. O paciente precisava que o analista estivesse ali como ele, em uma certa simbiose, também impossibilitado de realizar coisas, ou como seus pais, que nada realizavam sem consultá-lo.

Compreendo a experiência ameaçadora vivida por Jorge nas sessões no consultório pela atualização de elementos simbióticos primitivos e traumáticos. Como ele mesmo chegou a dizer anos depois do início do processo, lhe era muito difícil estar sozinho em uma sala fechada, meio escura e isolada, diante de uma figura desconhecida. Jorge vivia a iminência de as luzes se apagarem e ser estuprado. Essa atualização do traumático me parece sinalizar movimentos regressivos que, por si só, já comportariam a esperança a que Winnicott¹⁸ se refere.

Sua sugestão do restaurante seria um incremento intuitivo na direção de corrigir uma falha ambiental, uma mudança que permitiria um respiro, um alívio do traumático. E de fato, nesse novo *setting*, ele se viu resguardado pela visibilidade de um espaço em boa parte público, fortalecido por sua inclusão no ambiente de humanidade da vida cotidiana de pessoas almoçando e protegido da objetificação aterrorizante do abuso.

»
*a flexibilização da regra
fundamental constituiu uma vivência
de mundo não abusiva que
se conectava com o que nele
pedia tratamento*

Além disso, a flexibilização da regra fundamental, uma vez que almoçávamos e conversávamos sem o compromisso com a tarefa de associar livremente, trouxe um ambiente de amizade e confiança para as sessões e constituiu uma vivência de mundo não abusiva que se conectava com o que nele pedia tratamento. O urbano e a amizade foram mais eficazes na proibição que instaura a abstinência, e o enquadre pôde alcançar o corpo, permitindo um lugar para íntimo, o profundo e o acontecimento clínico. No entanto, a amizade depende de alguma atenuação da abstinência, o que abria em Jorge passagem para a experiência em que o eu-outro se realiza como abusado-abusador.

Essa invasão do desejo traumatizado era uma constante e se fez também em torno do pagamento das sessões. Enquanto ocorriam de forma muito pouco disciplinada, a fantasia do que eu poderia esperar o transtornou. A ameaça de um possível interesse sexual meu o invadia, comprometendo a relação analista-analisando, assim como o ambiente de amizade. E mesmo com o horizonte do pagamento em marmitas, a força do traumático seguiu se impondo e Jorge entendeu que deveria cozinhar todas as minhas refeições. Ainda que de forma violenta, minha reação fez frente à dinâmica abusiva que se imiscuía, e conseguimos estabelecer um combinado possível e justo para ambos.

Jorge não trazia consigo uma base para a abstinência, de maneira que seu pacto precisava ser construído a todo momento, e esse era um ponto central do seu sofrimento. Imagino que a profundidade do primórdio fusional e do rasgo traumático puderam ser tocados pelo enquadre, sua dinamização e o que então se formulou.

9 D. Kupermann, *op. cit.*

10 S. Ferenczi, *op. cit.*

11 D. Winnicott, "Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico", in *Da pediatria à psicanálise*.

12 D. Winnicott, *op. cit.*, p. 378.

13 D. Winnicott, *op. cit.*, p. 380.

14 J. Bleger, "A psicanálise do enquadre psicanalítico.", in *Simbiose e ambiguidade*.

15 J. Bleger, *op. cit.*, p. 314.

16 J. Bleger, *op. cit.*

17 J. Bleger, *op. cit.*

18 D. Winnicott, *op. cit.*

O desafio de sustentar a grande proibição da situação analítica encontrava em Jorge uma ressonância profunda. Por vezes, possibilitou que alguma barragem se fizesse, permitiu a associação livre, dando chance para a representação. Em outros momentos, trouxe à tona a transferência

amorosa na forma do fantasma terrível. Nesse processo, o desejo de viver uma relação respeitosa e orientada pela troca se colocou como novidade e se tornou referência com alguma força para reestabelecer o pacto da abstinência em meio ao mundo-abuso.

Referências bibliográficas

- Bleger J. (1988). *Simbiose e ambigüidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Green A. (1993). *La clínica contemporánea*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Kupermann D.M. (2022). *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni.
- Ferenczi S. (1933/2011). *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. In *Ferenczi – Obras completas Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1924/2011). *As fantasias provocadas*. In *Ferenczi – Obras completas psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud S. (1912/1987). A dinâmica da transferência. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1912/1987). Observações sobre o amor transferencial. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1904/2010). O método psicanalítico de Freud. In *Obras psicológicas completas*, v. 6. São Paulo: Companhia das Letras.
- Winnicott D.W. (2000). *Winnicott – da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.

Jorge's world of abuse – and some reflections on the flexibility of the framework

Abstract The present work reports the clinical case of a black, poor, and intersex patient, whose history was marked by sexual abusive relationships. Through flexibility in the frame, changes in the setting, and management of transference, we sought to intervene in a trauma transmitted by generations and intensely present in the analysand's life.

Keywords abuse; trauma; frame; transference.

Texto recebido: 06/2024.

Aprovado: 08/2024.